

CAPÍTULO 2

MAURICIO DE SOUSA E SUAS PERSONAGENS



CAPÍTULO 2

MAURICIO DE SOUSA E SUAS PERSONAGENS

Temos, nestes anos, acompanhado a infância de umas três gerações. Partindo para a quarta, agora. E todos nossos leitores, amigos da turma, sentem que nossa mensagem, o conteúdo de nossas histórias, se moderniza, mas as antigas histórias não envelhecem. Um caso inédito no mundo dos quadrinhos. O espírito não tem idade.

(Sousa, 2005, p.9).

Conforme visto no panorama histórico, o Brasil sempre enfrentou a produção de quadrinhos internacionais, principalmente dos heróis que desembarcaram por aqui como *Batman*, *O Fantasma*, *Mandrake* e *Flash Gordon*. Depois disso, as grandes editoras americanas, a *Marvel* (*Homem-Aranha* e *X-Men*) e a *DC Comics* (*Super-Homem* e *Batman*) acabaram por dominar o mercado nacional de gibis. Recentemente, outro tipo de HQ que também começou a fazer sucesso por aqui foram os *mangás*, quadrinhos japoneses com pouco texto e muita ação. Atualmente, há desenhos animados baseados nas histórias, como *Dragon Ball Z* e *Transformers*.

Não há leis concretas que protejam o desenhista nacional, o qual é tido como um “lutador” inveterado, uma vez que batalha para conseguir publicar sua produção, conforme comenta Luyten (1985a, p.63):

Os quadrinhos brasileiros tiveram grandes expoentes e bons momentos. Muitos deles, porém, foram abafados pelas circunstâncias e, principalmente, pela falta de consciência. Uma consciência crítica de quem publica, de quem compra e também de quem faz.

Esse é um dos motivos pelo quais Mauricio de Sousa é considerado uma exceção no perfil mercadológico brasileiro. Apesar disso, o autor é somente mencionado como um grande sucesso nas obras a respeito da literatura em quadrinhos, não havendo muita informação adicional a respeito da saga de sua produtora nem mesmo sobre as personagens. Para tanto, recorreu-se a obras

específicas sobre o autor e a outras em que o próprio Mauricio de Sousa fala de sua história pessoal e da criação de suas personagens.

Mauricio de Sousa nasceu em Santa Isabel, no estado de São Paulo, em vinte e sete de outubro de 1935, e foi criado na cidade vizinha de Mogi das Cruzes, embora tenha passado alguns anos de sua infância também em São Paulo. O veio artístico estava no sangue da família: seu pai fazia música e poesia e pintava quadros; seu bisavô era um grande violeiro; sua irmã foi atração em programas de rádio de São Paulo e sua avó Dita vivia rodeada de crianças, pois contava histórias como ninguém. Foi justamente sua avó que inspirou suas primeiras histórias: ainda criança, Mauricio desenhava as histórias de “vó” Dita em tiras e apresentava-as em um cineminha improvisado de caixote e vela.

Mauricio aprendeu as primeiras letras antes de entrar na escola e sua primeira leitura, como não poderia deixar de ser, foi um gibi. Quando entrou na escola, já lia fluentemente. Além dos livros, lia revistas como *O Guri* e *O Globo Juvenil*. Fazia-o escondido, já que quadrinhos eram proibidos na escola.

Da época em que morou em São Paulo, as grandes lembranças do escritor eram de sua turma e da rivalidade com outro grupo de meninos, crianças que seriam futuras personagens de suas histórias.

Ainda do período escolar vem sua “mania” de desenhar: aos treze anos, segundo Dantas (2005), inventou sua primeira revistinha, *O Quartinho*, que circulava entre os colegas de classe. Os melhores amigos apareciam nas histórias como heróis, e os não tão queridos eram os vilões.

Os tempos de desenhar por brincadeira acabaram quando a fama de bom desenhista fez surgir trabalhos com os quais ganhou algum dinheiro. Mauricio

desenhou para aulas do Curso Normal, para exposições industriais e bailes de carnaval, até que foi convidado para ser ilustrador do jornal *O Mogi Esportivo*.

Em 1954, mudou-se para São Paulo, onde se apresentou à redação da *Folha da Tarde* (hoje *Folha de São Paulo*). O chefe de arte do jornal, Orlando de Mattos, analisou o material de Mauricio e aconselhou-o a desistir, dizendo-lhe que “desenho não dava futuro nem dinheiro”. Mauricio saiu arrasado, e enquanto cruzava a redação, um jornalista, percebendo sua tristeza, veio lhe perguntar se precisava de ajuda. Sousa contou-lhe o ocorrido, e a partir daquele momento, Mario Cartaxo tornou-se um grande amigo. Cartaxo não desprezou a arte de Mauricio, e aconselhou-o a arrumar um emprego em qualquer função no jornal – estando dentro da empresa seria mais fácil ter seu trabalho visto – e a continuar praticando para aprimorar sua técnica. Foi o que Mauricio de Sousa fez. Começou como copidesque (função extinta nos jornais atualmente, que consistia em deixar o texto mais jornalístico) e depois se tornou repórter policial. Em suas horas vagas, no entanto, refugiava-se em uma sala vazia para desenhar. Não eram, porém, histórias completas ainda, até que um dia seus colegas de trabalho lançaram-lhe um desafio e dele surgiu *O Repórter Policial*, sua primeira história completa.

No final da década de 50, conseguiu convencer um editor da *Folha da Tarde* a publicar uma tirinha na qual aparecia um menino chamado *Franjinha* com seu cachorro *Bidu*. Esse foi o início da criação de um grupo de personagens que chega hoje aos cento e cinquenta. O sucesso das personagens motivou Mauricio a abandonar, em 1960, seu emprego como repórter e a montar um pequeno estúdio em Mogi das Cruzes. Com um orçamento apertado, o quadrinhista visitava redações de jornais nas cidades próximas para oferecer seu trabalho. Segundo Gusman (2006, p.38), ao apresentar seu material para o dono da *Editores Continental*, “viu

seus personagens estrelarem uma revista pela primeira vez”. *Bidu* teve inicialmente histórias publicadas na revista *Zaz Traz* e logo ganhou título próprio.

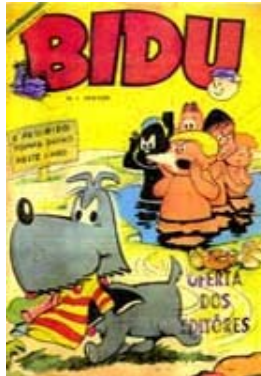


Figura 19 - *Bidu*.

Atualmente, sua primeira personagem famosa, o *Bidu*, participa tanto coadjuvando com seu dono quanto em historinhas em que é o astro principal, dialogando com outros animais e com objetos inanimados diversos. *Bidu* é o símbolo da empresa de Mauricio, a *Mauricio de Sousa Produções*. É também nas histórias do *Bidu* que o estúdio exacerba na metalinguagem, uma vez que o cachorrinho azul sempre “contracena” com os roteiristas, esquece o texto de sua fala como se fosse um ator, sai das páginas etc. (embora esse recurso tenha se tornado bastante comum em histórias com outras personagens também).





Figuras 20 e 21 - Personagens “contracenam” com roteirista e com o próprio Mauricio.

Em 1960, surgiu *Cebolinha*, inspirado em um garoto de Mogi das Cruzes que trocava o “R” pelo “L”. Logo após, em 1961, aparecia o *Cascão*, também baseado nas recordações de infância de Mauricio, e *Chico Bento*, cujo modelo foi um tio-avô do escritor. Nos anos seguintes, Mauricio criaria outras tiras de jornal, como *Piteco* e *Penadinho*, e páginas tipo tablôide para publicação semanal – *Horácio*, *Raposo* e *Astronauta* – que invadiriam dezenas de publicações durante dez anos.

Para a distribuição desse material, Mauricio criou um serviço de redistribuição que atingiu mais de duzentos jornais ao fim de uma década.

Em 1963, em busca de personagens femininas, Mauricio de Sousa encontrou inspiração em suas filhas. *Mônica* fez sua estréia na tira de número dezoito do *Cebolinha*, e foi um sucesso imediato. *Magali* também surgiu em 1963, bem como *Horácio* e *Astronauta*. A personagem *Tina* surgiria em 1964. Com o sucesso das personagens, elas foram ganhando espaço além dos jornais e tendo suas revistas próprias. A da *Mônica*, lançada em maio de 1970, veio seguida da do *Cebolinha*,

publicada em 1973. As revistinhas do *Cascão* e da *Magali* foram criadas, respectivamente, em 1982 e 1989.



Figura 22 - Capas das primeiras revistas.

Novas personagens foram surgindo ao longo dos anos, muitas delas referências, também, a outros de seus filhos (Maurício de Sousa tem dez), como *Marina*, *Nimbus* e *Do Contra*. Outras foram criadas com o intuito de abordar as diferenças, como *Dorinha* (deficiente visual) e *Luca* (cadeirante). Outras, ainda, para acompanhar os avanços presentes na vida das crianças e jovens, como o *Bloquinho*, que fala “internetês”. Segundo o sítio *Gibindex*¹², somente duas personagens – o *Louco* e o cachorro *Bugu* – não foram inventadas por Maurício, e sim por seu irmão Márcio. Uma das mais recentes personagens é *Ronaldinho Gaúcho* – baseada no craque de futebol do mesmo nome – que já tem revistinha própria, e outra é *Alfacinha*, o “miúdo luso”, criada para estreitar os laços com Portugal, onde há grande mercado para a HQ.



Figura 23 - Dorinha, a personagem deficiente visual.

¹² www.gibindex.com/enciclopedia/br/m/400

A respeito das personagens, comenta Luyten (1985a, p.61):

Há os esquemas de divulgação e de sustento de um personagem. Mas é preciso que ele seja criado e viva o suficiente para constatar se agrada ou não. Um bom exemplo para isso é Mauricio de Sousa. Após anos de luta, ele conseguiu impor os seus personagens e, hoje em dia, suas revistas vendem mais do que as do mundo Disney no Brasil.

À medida que a produção crescia, Mauricio foi contratando mais profissionais e hoje possui uma equipe de cento e oitenta pessoas, entre desenhistas e roteiristas, trabalhando na *Mauricio de Sousa Produções*. Atualmente, desenha somente as histórias de *Horácio*, o dinossauro – por meio do qual fala à sua família, amigos e ao público, expondo suas aflições e aspirações; entretanto, todas as histórias passam por seu crivo antes de serem publicadas.

Para os estudiosos das HQ, a consolidação de Mauricio de Sousa deu-se efetivamente devido ao *merchandising*, ou seja, pela utilização de seus personagens em produtos comerciais. A presença da turminha em artigos variados – de alimentos a brinquedos – teria sido a responsável pelo grande crescimento e penetração em outros países. Consoante Luyten (1985a, p.78), “Mauricio conseguiu combater o esquema estrangeiro com as mesmas armas, para vencê-los e até suplantá-los”.

Segundo o sítio oficial da *Turma da Mônica*¹³, os quadrinhos de Mauricio de Sousa já foram adaptados para o cinema, para a televisão e para os jogos eletrônicos, além de terem sido licenciados para comércio em uma série de produtos com a marca dos personagens. Há inclusive os parques temáticos da *Turma da Mônica*, o *Parque da Mônica*, em São Paulo e Curitiba.

De acordo com o sítio *Gibindex*¹⁴ (que aponta como fonte dados publicados na *Meio&Mensagem Especial* de 24/09/2001), mensalmente são vendidos quatrocentos mil exemplares dos gibis da *Mônica*, *Cebolinha*, *Cascão*, *Magali* e

¹³ www.monica.com.br

¹⁴ www.gibindex.com/enciclopedia/br/m/400

Chico Bento. O número chega a um milhão se forem incluídos todos os produtos de Mauricio de Sousa, como as revistas de passatempos e revistas de atividades. Os produtos licenciados chegam a três mil, distribuídos por cem empresas distintas.

De 1970 a 1986, as revistas de Mauricio foram publicadas pela *Editora Abril*; a partir de janeiro de 1987, passaram a ser publicadas pela *Editora Globo*, em conjunto com os estúdios Mauricio de Sousa. Conforme o próprio autor explicou em uma entrevista ao sítio *Universo HQ*¹⁵, a mudança de editora deu-se porque a proposta de expansão da *Editora Abril* era muito pequena para o que ele almejava.

Em 2007, Mauricio de Sousa deixa a *Editora Globo* e começa a publicar os gibis da *Turma da Mônica* e *Ronaldinho Gaúcho* pela *Panini Brasil*. Na semana de dez de janeiro de 2007, foram publicados os números *um* das conhecidas personagens de Mauricio. A editora, que publica HQ da *Marvel* e *DC Comics*, pretende aplicar a experiência nesse campo para ampliar ainda mais o universo de Mauricio de Sousa. O quadrinhista justifica a mudança dessa vez justamente por esse viés: a necessidade de uma editora realmente especializada em *comics*, principalmente para conquistar mais mercado internacional.



Figura 24 - Capas das mais recentes publicações pela nova editora, a Panini.

Dentro desse assunto, aliás, é importante ressaltar que a presença de Mauricio de Sousa em outros países só não foi maior até o momento devido à dificuldade de transpor as personagens para a televisão e o cinema. Principalmente

¹⁵ www.universohq.com.br/quadrinhos/2003/entrevista_mauricio_sousa2.cfm

nos dias atuais, em que as personagens estáticas são preteridas pelas animadas, fez falta para a expansão das HQ recursos para investir nessas mídias. Na década de 80, houve a invasão dos desenhos animados japoneses, e Mauricio, que ainda não tinha desenhos para televisão, perdeu mercados. Mesmo tendo criado um estúdio de animação para produzir longas-metragens – a *Black & White* – as dificuldades políticas e econômicas levaram-no a deixar os projetos de lado e a se concentrar somente nas histórias em quadrinhos e seu *merchandising*, produzindo, assim, pouco material televisivo ou cinematográfico. Conforme lamenta o próprio Mauricio de Sousa (para o sítio *Cineweb*¹⁶ em 2004): "chegamos a circular em mais de vinte países. Hoje estamos em seis, porque não tínhamos mais desenho animado, devido aos altos custos. Desenho animado é uma indústria cara".

Após o filme *Chico Bento, Óia a Onça!*, de 1990, os estúdios *MSP* ficaram quatorze anos sem produzir cinema, até lançar, em 2004, um novo desenho animado, o *Cine-Gibi, o Filme*, amparado pela parceria com dois grandes estúdios internacionais, a *Paramount International Pictures* e a *United International Pictures*. Em fevereiro de 2007, foi lançado um novo filme, *Uma Aventura no Tempo*, com produção de *Miravista Filmes* e *Buena Vista*, entre outros.

Segundo o sítio *Cineweb*¹, nesses anos de interrupção em que se dedicou basicamente aos quadrinhos e à comercialização de produtos associados aos seus personagens, Mauricio de Sousa preparou-se para ser o maior e melhor do Brasil no campo minado do desenho animado, em que hoje medem suas forças gigantes como a *Disney*, a *Dream Works* e a *Fox*. Ainda de acordo com o sítio especializado, essa preparação incluiu um investimento em mão-de-obra especializada, a grande

¹⁶ www.cineweb.com.br/index_textos.php?id_texto=563

dificuldade da indústria de animação nacional; por isso, hoje, um dos objetivos centrais do autor é desenvolver projetos de televisão e cinema, aqui e no exterior.

A genialidade e competência de Mauricio de Sousa já receberam reconhecimento internacional por diversas vezes. O prêmio mais importante foi o *Yellow Kid* – considerado o *Oscar* dos quadrinhos –, que ele recebeu em 1971 no *Festival de Lucca*, na Itália. Mauricio também é personalidade constante em eventos sobre HQ, como em 2003 e em 2006 no *Festival Internacional de Banda Desenhada de Amadora*, em Portugal, no qual foi grande destaque.

A *Turma da Mônica* ganhou mais notoriedade e espaço com o sítio eletrônico próprio, que contém tirinhas, histórias seriadas, jogos, notícias e curiosidades, entre outros. Ao que parece (pesquisando-se em sítios de busca eficientes), diversas outras personagens famosas de HQ – como as da Disney, por exemplo –, não têm, em seus endereços eletrônicos específicos, espaço para os quadrinhos em si.

Recentemente, o desenhista criador da *Turma da Mônica* começou a escrever crônicas. Essas crônicas já geraram dois livros: *Navegando nas Letras* e *Navegando nas Letras II*. Nos textos, o autor escreve sobre suas atividades como artista, sobre suas personagens, curiosidades e fatos vividos.

Segundo o próprio quadrinhista, há vários projetos sociais envolvendo a turminha em andamento, como uma cartilha destinada a famílias pobres ensinando hábitos alimentares, amamentação e uma biblioteca itinerante.

2.1 A TEMÁTICA DA TURMA DA MÔNICA

Apesar de também ter como eixo central as crianças, como *Mafalda* e *Charlie Brown*, as HQ de Mauricio, ao contrário daquelas, não têm cunho político nem de crítica social. Embora extremamente engajado em programas sociais e em produção de histórias educativas – que tratam de respeito, diferenças e ecologia, entre outros temas – Mauricio escreve para entreter. Suas personagens vivem aventuras ora verossímeis, ora impossíveis que divertem e ajudam na formação da criança, sem pretensões de criticar ou fazer apologia a problemáticas políticas. A relação das personagens com o mundo atual dá-se por meio da sátira feita a filmes, Internet, novelas e livros, recurso que parece ser o grande segredo para o sucesso das HQ da *Turma da Mônica* entre os adultos.

Mauricio de Sousa prefere trabalhar determinados temas de forma velada, às vezes por meio de fábulas, para que a revista não se torne pesada demais no realismo – já que, segundo o autor, não é esse o intuito de suas histórias. Temas importantes como preconceito e cuidados com a saúde não ficam de fora, mas assuntos como violência, sexualidade e trabalho infantil não cabem na proposta da revista, e o autor delega a outros meios de comunicação tratar deles, conforme ele mesmo aponta em entrevista ao sítio *Universo HQ*¹⁷, em 2003:

A Turma da Mônica tem uma preocupação muito grande com todos os temas mundanos. Ninguém pode acusá-la de ser alienada ou algo do gênero. Mas faço questão que todas as histórias sejam um momento de *relax*. Se vamos transmitir uma mensagem, que seja de forma suave e relaxada.

¹⁷ www.universohq.com.br/quadrinhos/2003/entrevista_mauricio_sousa2.cfm



Figura 25 - A pobreza aparece sutilmente nas historinhas.

Até a morte é encarada com bom humor na personagem da “Dona Morte”. A turma do *Penadinho* foi criada para desmistificar os medos e pavores que cercam a infância de milhares de crianças. Mauricio retrata a *Dona Morte* como uma figura sem agressividade, sem caráter “assassino”. É um ser que trabalha no que gosta e cumpre sua missão para evitar a “superpopulação”. Nas historinhas mais recentes, a *Dona Morte*, na tentativa de facilitar seu trabalho, pratica esportes e até muda o visual. Mauricio ainda evita roteiros com menções a catástrofes ou desastres reais recentes e que tenham marcado desagradavelmente a lembrança dos leitores.

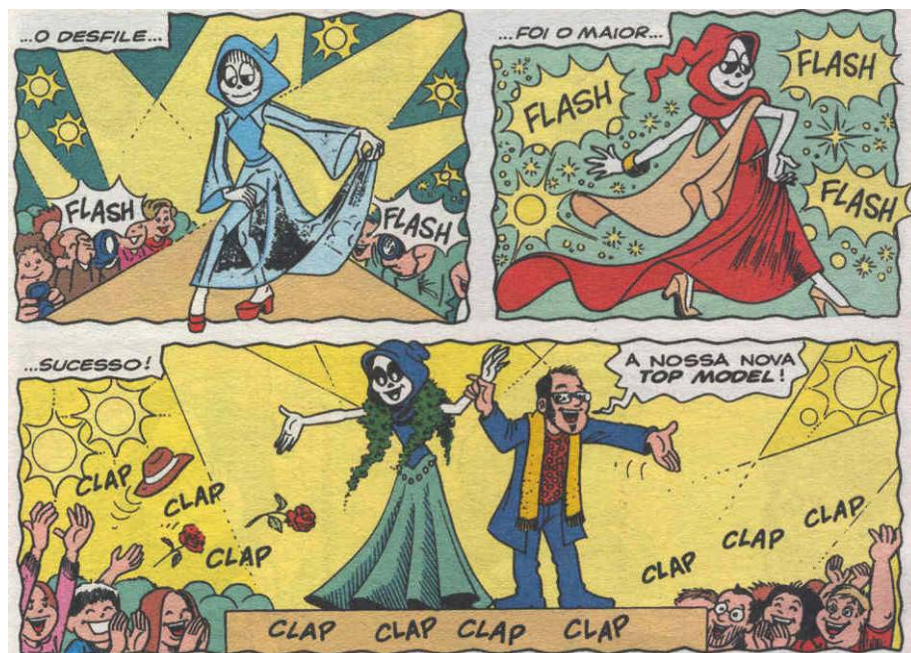


Figura 26 - A morte tratada com humor.

Alguns estudiosos criticam Mauricio de Sousa pelo fato de as personagens não terem características brasileiras. Para eles, o grande sucesso fez-se, mas continuamos não tendo uma literatura em quadrinhos que represente de fato o Brasil, como comenta Vergueiro (1999, em sítio eletrônico¹⁸):

A fim de se tornar um grupo de personagens com características universais, *A Turma da Mônica* deixou o meio ambiente brasileiro quase que completamente de fora de suas histórias. [...] Mauricio escolheu, para suas histórias em quadrinhos, um enfoque diferente daquele utilizado por seu colega Ziraldo. Ao invés de buscar elementos umbilicalmente ligados às características da realidade brasileira, ele optou por criar um grupo de crianças que tivesse, o mais possível, características universais. Dessa forma, pretendia competir com as histórias em quadrinhos estrangeiras – para o que se deve entender os quadrinhos *Disney* – em igualdade de condições, navegando no mesmo nível de narrativa em que navegavam os *Patos Donalds* e *Mickeys* que eram impingidos às crianças brasileiras.

Apesar dessa busca por temáticas universais, é preciso reconhecer que Mauricio não colocou o seu país totalmente à parte. Algumas personagens, como *Chico Bento* e *Papa-Capim*, enfocam características da realidade brasileira. Para teóricos mais severos, no entanto, isso não é suficiente, pois encaram a opção do quadrinhista como de dependência em relação aos modelos estrangeiros de produção de quadrinhos, conforme salienta Cirne (1982, p.82-83):

Chico Bento e Papa-Capim, em princípio, respondem à brasilidade comprometida com a realidade cultural do país. Mas só em parte tem-se obtido tal coisa [...]. Já o índio Papa-Capim ainda não pontificou no primeiro time dos personagens de Mauricio; o mesmo se diga de Cafuné e da onça Guatira. (Enquanto isso, o pretinho Jeremias, ligado à turma da Mônica, continua sendo um personagem absolutamente secundário). [...]. Decerto, não é por aí que conseguiremos superar o racismo existente no Brasil. Ao contrário, apenas reforçá-lo-á.

Seja qual for a posição dos críticos, é definitivamente inegável que as HQ no Brasil possivelmente jamais teriam tanta projeção nacional e internacional sem Mauricio de Sousa. Além disso, tendo como base as próprias experiências

¹⁸ www.eca.usp.br/agaque/agaque/ano2/numero1/artigosn1_2v2.htm#fn2

anteriores e atuais no panorama das HQ nacionais, é possível afirmar que personagens “abrasileiradas” nunca fizeram grande sucesso. A grande maioria do público leitor de gibis não se identifica com personagens folclóricas nem com animais típicos; ele tem interesse por seres que partilhem da sua realidade – na maior parte das vezes satirizando-a – ou por criaturas fantasiosas inovadoras – que o levam a um mundo imaginário. Mauricio de Sousa enveredou pelo universo das crianças comuns, com características atemporais – afinal, como diz o dito popular: “criança é sempre criança” – e acertou plenamente no que o público gosta. Atualmente, parece usar cada vez mais recursos que fazem ponte com a realidade para atingir o cômico e manter a fidelidade de seus leitores.